

**Ferreiros e fundidores da Ilamba:
uma abordagem social dos artesãos centro-africanos do século XVIII**

Danilo Moura Monteiro,¹ UNIFESP

Obra resenhada

ALFAGALI, Crislayne. **Ferreiros e fundidores da Ilamba**: uma história social da fabricação do ferro e da Real Fábrica de Nova Oeiras (Angola, segunda metade do século XVIII). Luanda: Fundação Dr. Agostinho Neto, 2018. 467 p.

Aos poucos, a historiografia vem dando novo enfoque à experiência que envolve os agentes transformadores dos processos políticos e econômicos que surgiram em fins do século XVIII, sobretudo a história das pessoas que operavam estas transformações diretamente no chão das fábricas e manufaturas. Vemos no trabalho de Elaine Santos (2010), que estudou os trabalhadores centro-africanos na expedição do militar Henrique Carvalho, o destaque dado aos homens e mulheres que não foram marginais à organização e sucesso das iniciativas dos portugueses.² Os empreendimentos setecentistas corporificavam os anseios das nações que recorreram às concepções fundadas no movimento ilustrado e no utilitarismo de recursos que garantiriam destaque às mesmas no cenário comercial. O perfil e a perspectiva das pessoas que estavam transformando as matérias primas em recursos para os anseios dos Estados têm tomado resultado nos trabalhos desenvolvidos por Crislayne Alfagali. Na sua dissertação *Em casa de ferreiro pior apeiro: trajetórias dos oficiais do ferro (Vila Rica, 1750-1795)* (2012), a autora lançou mão sobre uma abordagem social dos trabalhadores manipuladores do ferro na capitania de Minas Gerais.

Na dissertação citada, Alfagali apresentou um dos perfis desses trabalhadores que seriam mais tarde analisados ostensivamente no seu doutoramento: os centro-africanos que possuíam larga tradição na obtenção e manipulação de ferro em seus locais de origem na África. Essas pessoas eram os fundidores e os ferreiros da região conhecida pelos colonizadores por Reino de Angola.

Na tese de doutoramento defendido em 2017 na Universidade de Campinas com o título *Ferreiros e fundidores da Ilamba: uma história social da fabricação do ferro e da Real*

¹ Mestrando em História pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: danilo.monteiro@unifesp.br

² Vale mencionar também a renovação historiográfica em relação à força de trabalho escrava apresentada no livro de CARVALHO (2015).

Fábrica de Nova Oeiras (Angola, segunda metade do século XVIII), Crislayne Alfagali pôde analisar detalhadamente o perfil social destes ferreiros e fundidores do Reino de Angola. O livro aqui resenhado foi publicado em 2018 com o mesmo nome da tese pela Fundação Dr. Agostinho Neto, de Luanda. Vale destacar que esta pesquisa foi ganhadora do prêmio internacional de investigação histórica Agostinho Neto (2017-2018).

Além da introdução e conclusão, o livro é composto por cinco capítulos. A introdução é bem clara e objetiva quanto aos pontos que vão ser apresentados ao leitor e leitora, de modo que ficam evidenciados os instrumentais metodológicos, importa dizer, uma escala de análise reduzida às personagens históricas tendo como pano de fundo o quadro teórico da micro-história. Ainda na introdução, Alfagali localiza na historiografia seus principais interlocutores e esclarece a novidade do seu olhar: não pretendeu escrever a história da fábrica Nova Oeiras – já bastante contada – mas sim uma história social dos *ambundos* no século XVIII, escapando também à história do tráfico, tema privilegiado pela historiografia africanista desse período. As fontes trabalhadas pela autora são numerosas documentações oficiais geradas pela administração portuguesa ultramarina coletadas nos arquivos de Portugal, Brasil e Angola, na forma de tratados, crônicas, memórias, instruções, cartas, leis, além de registros visuais, sendo estes plantas, desenhos e mapas.

Neste ponto, é importante ressaltar que Alfagali não pretende partir de uma análise das reformas ilustradas ocorridas na segunda metade do século XVIII, ou mesmo do cientificismo que moveu certas posturas da metrópole portuguesa, mas sim, observar as relações sociais dos agentes locais à serviço de Portugal usando da documentação oficial dos representantes da coroa. Assim sendo, buscou-se contribuir para um maior entendimento sobre os pontos de vista dos centro-africanos para com as dinâmicas impostas pelos portugueses ao que se referia à atividade tradicional destes povos na produção do ferro. Além disso, o livro também sublinha os conflitos entre os agentes colonizadores e os centro-africanos para a operação da Real Fábrica de ferro de Nova Oeiras. Entre esses conflitos, vale mencionar o choque das tradições ritualísticas locais para obtenção do ferro com as ambições dos representantes da coroa portuguesa para a produção em larga escala do referido elemento.

Num primeiro momento do livro, Alfagali fez um panorama sobre a instalação dos portugueses na região que viria ser conhecida como Reino de Angola, bem como elencou as características dos reinos locais, sobretudo o reino de Ndongo, o principal dominado pelos colonizadores ibéricos. Além do tradicional mercado escravocrata, foram observados os potenciais usos comerciais das atividades dos *ambundos*, palavra esta usada à época para se

referir aos centro-africanos e que a autora mantém para não gerar confusões com as diversas etnias locais. Ao longo dessa colonização, as chefias locais conhecidas como *sobas* foram sendo cooptadas junto aos domínios que estavam sob seu poder - os *sobados* – que logo passaram a ser colocados sob uma espécie de sistema de vassalagem junto à coroa portuguesa.

Os portugueses entenderam que a atividade tradicional dos *ambundos* de manipular o ferro, especialmente as técnicas dos ferreiros e fundidores, era estratégica e precisava ser controlada. Em outras palavras, o desejo dos portugueses de controlar o trabalho destas pessoas era uma forma de tentar incorporar a gerência de uma indústria plenamente estabelecida entre os povos locais, ainda que esta não tivesse o perfil de uma tradicional fábrica de produção em larga escala que surgiu na Europa nesta época.

No momento que Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho assume o governo geral do Reino de Angola, os sentimentos de transformar essa indústria local em um empreendimento de larga escala passa também a ser uma das metas dos portugueses. A maior manifestação desse objetivo foi a construção da Real Fábrica de Nova Oeiras no ano de 1765, elevada na antes região denominada *Ilamba*, localidade rica em minério de ferro.

Os anseios dos colonizadores cedo divergiram com as tradições ritualísticas da produção de ferro pelos ferreiros e fundidores, o que deu curta vida à fábrica de Nova Oeiras (1765-1773). Os custos dos jornais pagos aos trabalhadores das fábricas e, por incrível que pareça, a falta de fundidores locais que se disponibilizassem para este trabalho também contribuíram ao fracasso da fábrica, o que minou o objetivo dos portugueses de serem grandes produtores de um minério de alto valor que não eram habituados a produzir na própria metrópole, o que possivelmente se bem sucedido, quebraria a dependência da compra de ferro europeu. Alfagali ressalta, no entanto, para outro sentido desse fracasso consensual apontado pela historiografia, mostrando que “os ferreiros, fundidores e tocadores de fole africanos com seus pequenos foles e fornos seguiram produzindo e vendendo barras de ferro à Fazenda Real” (p. 40) até meados do XIX.

Nesta obra que, sem sombra de dúvidas, já representa uma enorme contribuição para a bibliografia referente ao estudo da história da África, dos artesãos centro-africanos e da história da metalurgia, traz também uma nova perspectiva do que significou a experiência da Real Fábrica de Nova Oeiras. Outro ponto que vale destacar deste livro é que, mesmo alertando os leitores de que o estudo apresentado não pretende ser uma análise dicotômica entre dominados e dominadores, as formas de resistência que os *ambundos* manifestaram aos representantes da coroa portuguesa esteve muito bem retratada, sobretudo pelo abandono

progressivo dos centro-africanos aos projetos ilustrados comuns do século XVIII e início do XIX.

Apesar da autora não adentrar, por exemplo, em questões de como a tradição dessa manipulação do ferro pelos centro-africanos era passada de geração em geração, numa possibilidade de abordagem da tradição oral, o livro contribui para elucidar como os artesãos da África eram exímios mineralogistas e químicos (protegidos os limites para se usar para época esses termos), bem como produziam um ferro de altíssima qualidade. Isto ampara a construção de uma história capaz de sair dos grandes centros tradicionais e atende à justíssima necessidade de compreendermos como outros povos transformavam a natureza e o que os motivavam a fazer isto.

Em síntese, a autora contribui para renovar a discussão historiográfica africanista ao perscrutar a experiência social dos centro-africanos do século XVIII em relação ao projeto colonizador português, o que posiciona a análise para outro foco que não o do já abordado tema do tráfico de pessoas escravizadas, o que abre espaço para novas pesquisas que venham apresentar resultados que contribuam para melhor entender a história social das populações do continente africano.

Referências Bibliográficas

ALFAGALI, Crislayne Gloss Marão. **Em casa de ferreiro pior apeiro**: os artesãos do ferro em Vila Rica e Mariana no século XVIII. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CARVALHO, Flávia Maria de. **Sobas e os Homens do Rei**. Relações de Poder e Escravidão em Angola. Séculos XVII e XVIII. Maceió: Edufal, 2015.

SANTOS, Elaine R. S. **Barganhando sobrevivências**: os trabalhadores centro-africanos da expedição de Henrique Dias de Carvalho à Lunda (1884-1888). 2010. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.